



# Fármacos importados sem controlo

A Índia e a China fornecem 80% da matéria-prima usada na Europa

O CEO da Hovione e responsável do EFCEG, Guy Villax, defende a fiscalização obrigatória de toda a cadeia de produção das substâncias activas dos medicamentos FOTO ANA BAIÃO

Os produtores europeus dos princípios activos utilizados na indústria farmacêutica estão preocupados com a falta de fiscalização das fábricas asiáticas que concorrem neste mercado e que, actualmente, já fornecem 80% das matérias-primas que entram na composição dos medicamentos.

A EFCEG (European Fine Chemicals Group) — a associação do sector que reúne 200 empresas, entre as quais, a portuguesa Hovione — promoveu uma iniciativa de sensibilização junto do Par-

lamento Europeu, no sentido de tornar mandatória a legislação aprovada pela União Europeia, em Outubro de 2005. O documento, subscrito em Setembro por cinco eurodeputados, propõe o rastreio de toda a cadeia de produção das substâncias activas farmacêuticas desde a sua origem (país, companhia e unidade de produção), como forma de encorajar a adopção de boas práticas de manufactura (GMP) e acautelar eventuais problemas de saúde pública.

“Num cenário de globalização,

os princípios activos são adquiridos nos países onde são vendidos ao preço mais barato (nomeadamente, Índia e China), porque essas indústrias não concorrem em igualdade com as europeias. O cumprimento das directivas representa um custo acrescido de 25%”, afirma Guy Villax, na qualidade de membro da direcção do EFCEG e presidente da Comissão do Segmento Farmacêutico deste organismo.

O mesmo responsável alerta, igualmente, para a falta de disponibilidade, meios técnicos e orça-

mento das agências e autoridades nacionais do sector para a realização de inspecções aos fabricantes além-fronteiras: “a mudança de origem dos princípios activos aconteceu muito depressa e as autoridades de saúde demoram muito tempo a reagir”, frisa. Do inquérito enviado pelo EFCEG às agências dos 25 países da União Europeia, apenas seis responderam até à data (entre as quais o Infarmed — a autoridade nacional do medicamento).

“O risco para a saúde pública é baixo, mas existe a clara cons-

ciência de que se trata de uma ‘batata quente’ política. Há mais controlo entre a vaca e o bife do que sobre quem fez o ácido acetilsalicílico e a aspirina”, ironiza Guy Villax.

À imagem da inspecção levada a cabo pela FDA (Food and Drug Administration) norte-americana, em Novembro de 2005, a Hovione convidou este ano o Infarmed a inspecionar a sua fábrica em Macau e, no futuro, o seu laboratório em Nova Jersey (EUA).

ALEXANDRE COUTINHO